



ECT
GALERIA
DE ARTE



CELIA SHALDERS

O Espiritual, o Infinito, o Eterno

Muitas são as faces da realidade, como complexas e múltiplas suas interpretações. E para muitos artistas é importante, também, como é o caso de Celia Shalders nesta série de trabalhos, mostrar até que ponto interpretações conscientes ou não podem interferir na concepção da forma imaginada. Celia Shalders, que ao longo de sua carreira, sempre demonstrou marcado interesse pela interpretação metafórica, pela alegoria, agora busca revelar como sua criação se presta a grande diversidade de alusões nas quais a forma material da estrutura construída pode simbolizar o espiritual.

Não se ignora que muito antes do Cristianismo, nas seitas e religiões primitivas, já a forma circular era ao mesmo tempo a expressão do Sol, da luz, e como tal, grande sua riqueza de significados, ora por representar a Suprema Virtude, ora a Eternidade, Deus, em suma. O círculo, a mandala — a roda da fortuna — era, igualmente, a forma material que simbolizaria o equilíbrio buscado entre a natureza temporal da existência terrena e as aspirações proclamadas e perseguidas pelos seguidores de todas as religiões, além de, também, simbolizar a luz, a graça divina, somente através da qual o Homem poderia entender o infinito, o invisível, o inescrutável.

Sem dúvida alguma, é com esse vocabulário que Celia Shalders procura mostrar uma realidade, realidade que surge em meio a admirável jogo de linhas e cores, as quais em verdade, vivem por si mesmas, perseveram no seu ser e prolongam seu movimento no tempo e no espaço. Dotadas de inesgotável poder de radiação, palpantes de vida, quando contempladas, fazem com que com elas comunguemos, ao mesmo tempo em que nos irmanamos à humanidade mesma de quem as concebeu.

Esses sinais plásticos que à primeira vista desconcertam só se tornam inteligíveis — como os matemáticos — após análise e reflexão, mas são fruto, inequivocamente, da experiência humana e é neste domínio que devemos colocá-los, a fim de que possamos reconhecer-lhes plenamente seu significado.

ALCIDIO MAFRA DE SOUZA

Como crítico de arte e como estudante da antropologia, ou melhor, das ciências humanas, interesse-me enormemente pela psicologia pós-freudiana, sobretudo a que provém de Jung. Não somente pelo conjunto de seus estudos mais divulgados, como pelas incursões no campo da velha sabedoria oriental.

Numa tarde encontrei-me com Celia Shalders, no Museu de Arte Moderna do Rio. Conversamos sobre suas leituras e projetos, em torno de seus trabalhos no momento. E depois sobre a Flor de Ouro, matéria de que se ocupou o mestre suíço. O fato é que após troca de idéias sobre os estudos junguianos, Celia voltou-se para o conhecimento da Flor de Ouro e de suas implicações psicológicas, em sua rara condição de mandala floral, outra das representações primordiais da mente humana. E agora, faz uma série de obras em torno desse tema fascinante, do qual não tenho conhecimento de artista de qualquer país, empenhado em sua realização, de fato muito importante, para a arte de nosso tempo.

Nenhuma pesquisa, segundo creio, é mais importante e original artisticamente que a sua, já esboçada com brilho, segundo pude ver, não só no Brasil como na melhor arte erudita do Ocidente Desenvolvido.

É esta a minha convicção pessoal, após diálogos longamente mantidos com a artista Celia Shalders.

ANTONIO BENTO
Rio, 5 de outubro de 1983

Celia Shalders fez uma conquista mística, ou melhor, um encontro com Cristo na imaginária do santo sudário. Como quem junta as pedras luminosas de um quebra-cabeças espiritual, Celia Shalders foi compondo um espaço energético de amor, onde a palavra de Teilhard de Chardin encontra-se com o verbo inflamado de Teresa d'Avila.

Todos chamam para o alto, e a pesquisa plástica de Célia Shalders vai-se estruturando em vibrações luminescentes, fazendo rodar a mandala floral cuja essência é a própria origem da vida. A toda esta concepção doutrinária, Célia Shalders aplica a perícia de uma pintura elaborada e original, capaz de perturbar os mais seguros analistas do convencionalismo reinante, seja do ponto de vista tradicional como da mais exacerbada vanguarda. Estamos pisando em campo de pura pesquisa.

WALMIR AYALA
Jornal do Comércio
Rio, 2 de junho de 1986



A pintura de Celia Shalders, algo de inteiramente inédito e que carrega uma substância de conteúdo que não se concebe possa ser expresso pelos recursos plásticos normais. Não se pode sequer dizer, o que seria rotineiro, no caso, que se trata de uma pintura revolucionária, pois a impressão primeira, longe de qualquer revolução é de monotonia geométrica dos traços muito certos e simétricos de onde brota gradativamente uma exuberância e uma riqueza de cores que revolucionam aquele que vê e lhe conferem a alegria e a paz. Dos infinitos triângulos brota a Trindade. É mais do que um escolástico "quod visum placet" — o que visto, agrada, a não ser que neste "agrada" se coloque toda a força de um arrebatamento espiritual. Celia Shalders é tudo menos uma revolucionária. É antes a pacificante, mas totalmente a serviço de uma exuberância do Espírito que passa por ela e a ultrapassa:

"Sou um instrumento de uma coisa imensamente maior, que me rege, mesmo contra a vontade."

Este instrumento habilíssimo, em seus recursos artísticos, é totalmente dócil a uma voz, "que me dizia do mais fundo da noite: "Ego sum nolitimere". Sou eu, não temais."

É assim que ela se torna capaz de passar dos ossos secos, última coisa que restou do homem, no plano terrestre eliminado, para a transfiguração da nova vida: a Ressurreição, como na visão do Profeta, proclamada na noite de Páscoa. Assim, ela se absorve no sudário, último resquício da figura física de Jesus depositado num sepulcro e passa para o Ressuscitado, o que vive e é o Senhor.

É ele que está presente, sob imagens e símbolos diversos, sobretudo na expressividade indefinível das cores que crescem e te avassalam em Ponto Omega, ou na iluminação de Self, como é enternecedor em Espírito Santo, Amor de Maria, Natal, Jesus e Francisco ou avassalador em grandeza e universalidade em Amor de Jesus, onde um sopro único de simplicidade e de infância acrescenta: Sacratíssimo Coração de Jesus, tende piedade de nós!

DOM JOÃO EVANGELISTA ENOUT
(OSB)

Revista Liturgia e Vida

1987
Celia Shalders



CELIA SHALDERS

1 a 17 de julho - 1987

Inauguração - 1 de julho, 4^a feira, às 19 horas
Das terças às sextas-feiras de 10 às 20:45 horas,
sábados de 14 às 18 horas

ECT - Galeria de Arte
SCS - Quadra 4, Bloco A, nº 230
Edifício Apolo - 1º subsolo
Brasília - DF